



ASSUNTOS MILITARES

Coordenador: Cel AYRTON SALGUEIRO DE FREITAS

I — COMO VENCER O COMUNISMO

Cel AYRTON SALGUEIRO DE FREITAS

Não precisamos conhecer todos os segredos da estratégia para concluir que o melhor sistema de defesa é uma ofensiva vigorosa e bem planejada, baseada no completo conhecimento do inimigo.

Portanto, tomemos a ofensiva contra o Comunismo!

Devemos começar atuando sobre a figura central de nosso sistema de governo — o indivíduo, o cidadão, **VOCE**.

Você pode ser ludibriado e tornar-se útil a um conspirador comunista?

Sim, isto pode acontecer desde que você não conheça, sequer, os princípios mais elementares do Comunismo.

Pense por um momento! Você ainda não tomou conhecimento, como milhões de outros cidadãos, da cartilha de táticas comunistas?

Caso responda **SIM** a esta pergunta, você poderá ter por consolo não ser o único desconhecedor. Mas com a leitura do presente artigo e dos demais que vêm sendo publicados em "A Defesa Nacional" você já estará iniciando a aprendizagem para começar a luta contra o Comunismo. Tem que começar com você, pois só quando um cidadão conheça a verdade a respeito do Comunismo poderá tornar-se invulnerável à sua ameaça. A sua luta contra os soviéticos deve ser iniciada com um só soldado — **VOCE**, pois para que ela seja eficiente torna-se necessário que, desde o início, **VOCE** utilize a arma do conhecimento e a couraça da vigilância.

VOCE pode reconhecer a linha do Partido Comunista?

VOCE sabe, como os comunistas, com manobras escusas, conseguem seu auxílio?

VOCE está a par de como o comunista oculto, ocupando um ponto saliente no governo, no jornalismo, nas sociedades trabalhistas, na igreja ou nas escolas, pode inocular em seu espírito o veneno suficiente para tornar **VOCE** elemento de propaganda ou seja, um "inocente útil"?

Devemos tomar a ofensiva contra o Comunismo em todos os seus aspectos. Na educação, no campo da economia, na vida política de nossa

Nação e, mais objetivamente, no campo espiritual, pois não vivemos em um mundo estático. Caso não sejamos capazes de alimentar, com fé dinâmica, a grande força espiritual que nos transformou e nos deu os moldes de uma Nação soberana, seremos obrigados a ceder ante a potência dos falsos profetas.

Devemos sempre avançar, devagar, mas com esforço.

O conhecimento do inimigo nos ajudará na análise dos fatores que que nos são essenciais; devemos agir antes de suas ações, evitando-as antes que o adversário as execute. Assim como um médico deve conhecer os sintomas de uma enfermidade antes de poder diagnosticá-la, o cidadão deve compreender a natureza do Comunismo, antes de iniciar o combate.

A tarefa dos chefes, na atualidade, é tornarem-se, primeiramente, conhecedores da verdadeira natureza do inimigo comunista e, logo depois, revelar a verdade a todo cidadão.

O Comunismo é o inimigo natural do verdadeiro democrata.

É, conseqüentemente, o nosso inimigo. É o inimigo mortal dos cristãos, dos judeus, dos mulçumanos e de todos os que creem na Paternidade de DEUS e na irmandade dos homens. O indivíduo que procura colocar-se em um campo neutro, na atualidade, não é intelectual, nem democrata, nem religioso e não é neutro. Não passa de um juguete nas mãos dos comunistas, tornando-se, em pouco tempo, vítima da força do mal.

É especialmente de suma importância que os educadores se informem de todos os aspectos da conspiração comunista. Só quando tais chefes sabem mais do que a simples definição contida nos dicionários, só quando exploram a realidade do mal, que ineludivelmente brota desta filosofia, podem revelar a seus alunos os males fatais da doutrina exótica.

Devido à falta de conhecimentos da tática comunista, grande número de educadores e instrutores, em nossas instituições educativas, estão, ainda na atualidade, deixando-se enganar e, sem saber, servindo à causa comunista. Muitos são levados a professar o credo comunista; outros, abandonando os ideais que tornaram sua Nação independente e soberana, servem à causa soviética.

A juventude universitária constitui o campo onde os comunistas procuram, sempre, semear suas ideologias, procurando obter colheitas imediatas e fartas. O que é certo é que a verdade a respeito do comunismo jamais lhe será dita por um comunista; ele é o propagandista experimentado que tem por único objetivo ocultar a verdade sobre o credo vermelho.

Um conspirador comunista, que trama, clandestinamente, a destruição de nossa liberdade, parece ser diferente do filósofo universitário que propaga o coletivismo entre mentes ingênuas e impressionáveis. Todavia, em que se diferenciam? A mente que verdadeiramente é democrata deve condenar tudo aquilo que é falso e hipócrita. Seguramente nada pode igualar-se em hipocrisia ao corruptor comunista que se oculta atrás da liberdade acadêmica, com o fim de utilizar suas armas, da maneira mais eficaz, a favor da tirania!

É uma tarefa de grande importância, para os educadores, transmitir a seus alunos o discernimento e o caminho que conduzem a uma filosofia

que mantém sagrada a dignidade do indivíduo. Na atualidade, as forças do materialismo estão concentradas contra a filosofia da liberdade e só o intelectual — a pessoa que pensa — pode preservar nossa liberdade. Para o verdadeira intelectual é bem claro o contraste da vida edificada sob o signo do Cristianismo com aquela da tirania brutal sob o ateísmo obrigatório.

Os homens e mulheres, no campo da religião, devem desempenhar importante papel. O comunismo se opõe, fanaticamente, à religião. Os comunistas repelem a crença em DEUS, os princípios morais derivados da religião e a imortalidade da alma.

Diz a teoria comunista:

"Devemos fazer o máximo possível a favor do movimento anti-religioso, não só na URSS como, também, nos países capitalistas..."

Lenine advogava a ação direta contra a religião, dizendo:

"A luta contra a religião não deve ser limitada nem reduzida à pregação abstrata e ideológica..."

A cruel supressão do culto cristão nos domínios comunistas é do conhecimento de todos, mas só recentemente tomou-se conhecimento da situação dos judeus, na Rússia.

Todo aquele que desejar tomar a ofensiva contra o Comunismo deve saber, primeiramente, que o propósito comunista consiste em fazer-nos, primeiramente, uma Nação sem religião, para depois, então, converter-nos em uma nação comunista. Para evitar isto, devemos promover a expansão dos valores espirituais básicos e atacar, desde logo, os conceitos materialistas.

Na guerra contra o materialismo, tudo deve estar incluído. Devemos exigir de nossos subordinados ou instruendos uma integridade inatacável; nossa imprensa deve acostumar-se aos informes objetivos, e devemos atuar vigorosamente para eliminar a praga da delinqüência juvenil e reduzir a atual onda de crimes.

Mas a luta contra o materialismo é só uma primeira fase do combate ao comunismo. O próprio Lenine asseverou:

"Só nos falta uma coisa para conseguir a vitória com mais segurança e firmeza que é a apreciação pensada, feita por todos os comunistas, em todos os países, da necessidade de mostrar a "maior flexibilidade em suas táticas"..."

Temos que tomar conhecimento desta "flexibilidade em suas táticas"!

Temos que colocar o Comunismo na defensiva!

Temos que desmascarar os comunistas para descobrir suas táticas!

Temos que negar-nos a transigir com tudo o que seja Comunismo!

O Comunismo só pode existir na obscuridade e o meio mais eficaz que temos para combatê-lo é expô-lo, onde ele exista. Tragam a conspiração para a luz, revelem os defeitos de sua filosofia, mantenham pressão sobre ela, obrigando-a a retirar-se.

Não inolemos mais sacrifícios sobre a pedra da ignorância deste perigo mortal. Tomemos a ofensiva contra o Comunismo e mantenhamos esta ofensiva...

II — PALAVRAS AOS ASPIRANTES

Coronel GILBERTO PESSANHA,
Ex-Comandante do Corpo de Cadetes da AMAN

As vésperas da declaração dos Aspirantes da turma de 6 de janeiro de 1956, dirigi-lhes as palavras abaixo que, ainda hoje, julgo oportunas.

1. Reúno agora, para uma conversa franca, os camaradas que dentro em pouco irão ingressar no Quadro de Oficiais do Exército.

Duas razões, principalmente, me conduziram, ao determinar esta reunião:

- ter sido Cmt do Corpo de Cadetes no ano letivo ora terminado e tê-los acompanhado nas diversas atividades que vocês exerceram nesta Academia;
- ter sido, também, instrutor e ter, por isso, uma parcela bem grande de responsabilidade na formação dos Aspirantes.

Essas razões conferem-me o direito de dar-lhes alguma orientação sobre os encargos que, amanhã, vocês assumirão.

2. Inicialmente, quero lembrar-lhes as palavras de um grande Chefe Militar, o soldado da mais alta estirpe que se chamou George S. Patton:

"O soldado é o Exército. Nenhum Exército vale mais do que os seus soldados.

O soldado é, também, um cidadão que exerce o mais alto privilégio e dever de cidadania — o de empunhar as armas de defesa da Nação.

Dêsse modo, ser soldado, — um bom soldado — é um privilégio de que nos devemos orgulhar. Não é leal para com a Pátria, nem consigo mesmo, o soldado que se contenta em ser mediocre."

Para muitos de vocês, o Aspirantado é um salto no desconhecido. A maioria, talvez, nem mesmo conheça a vida normal de um Corpo de Tropa, nem avalia o que existe por trás dos muros ou no interior dos quartéis. A vida na Academia, norteada por normas rígidas; o labor diário que lhes tomou tôdas as horas aqui vividas; uma certa incompreensão que lhes fêz permanecer, de algum modo, retraídos na suas manifestações exteriores — em particular quanto às ligações com os oficiais — tudo

isso, por certo, produzirá alguns choques no contato com a realidade que, agora, entrevêm.

Os defeitos e as grandes qualidades que vocês possuem serão encontrados, também, em qualquer parte aonde se dirijam. Habituaados à riqueza de meios e à imponência das instalações desta Escola, sentir-se-ão desalentados ante as carências de tôda sorte de algumas unidades, serão tôdas.

Muitas vêzes não disporão de coisas essenciais para execução das suas tarefas ou para ministrar a instrução. Não pasmem, se lhes faltar alguma vez munição para atirar, fio para estender uma linha, gasolina para realizar um pequeno exercício, ou forragem para a cavahada... Isso poderá suceder, mas não é motivo para desânimo ou para sentir-se vencido. Isso sucede em todos os exércitos do Mundo, e sucederá no nosso, porque pertencemos a uma Nação jovem, potencialmente rica e economicamente pobre que, com enormes sacrifícios, mantém suas Fôrças Armadas num mínimo capaz de garantir a sua soberania na vastidão do seu território. As dotações para tropa são reduzidas ao indispensável. É necessário, pois, todo empenho, habilidade, entusiasmo e fé na missão que nos compete, para atenuar os efeitos das carências muitas vêzes motivadas pela necessidade, em que se vê a Administração, de variar o esforço de apoio de uma para outra Região ou grande unidade. Vou dar-lhes um exemplo que bem caracteriza o que lhes estou afirmando:

— durante a Campanha da Itália, em 1944/1945, a FEB, apesar de apoiada no enorme poderio do Exército Norte-Americano, passou quase três meses sem receber um só pneumático para as suas viaturas... Eles eram mais necessários noutros teatros de operações. E isto sucedeu na guerra...

3. Vocês encontrarão, de modo geral, as unidades com um bom ritmo de trabalho e se esforçando ao máximo para alcançar elevado grau de eficiência.

Talvez encontrem unidades onde o desânimo, em virtude das faltas em material, ou em pessoal, embotou tôdas as energias e tôda a iniciativa... É, deveras, cômodo nada fazer e ter uma boa desculpa para isso... Combatam, com tôdas as fôrças de que dispuserem, um tal estado de coisas! Não há unidade do Exército que não disponha de um mínimo capaz de possibilitar a instrução básica para que possa cumprir a tarefa que lhe incumbe!

Encontrarão camaradas vencidos, preñhes de uma inércia doentia, incapazes de qualquer esforço proveitoso; encontrarão os eternos maldizentes, descrentes, destruidores; encontrarão falsos líderes, cuja aparente eficiência e capacidade estão orientadas para um único objetivo — o proveito pessoal... Mas, ao lado desses e, felizmente, em maior número, encontrarão camaradas dedicados à Unidade e ao Exército, prontos, sempre, ao trabalho produtivo, dotados de imaginação e de boa vontade, suprimindo as deficiências com a inteligência, combatendo o desinteresse com o seu sadio entusiasmo, extraindo tudo de onde nada parecia haver.

Cerrem fileiras com estes, pois são homens de ideal alevantado, que não se deixam abater, que se recusam a admitir a derrota, enquanto há um elemento, por mínimo que seja, capaz de evitá-la!

4. Lembrem-se de três coisas:

a. Nós, militares por profissão, **SERVIMOS**, não somos empregados, nem funcionários. **SERVI**R, nos sujeita a não ter horário certo, a não saber quando iniciamos ou quando terminamos uma tarefa. **SERVI**R, nos obriga a cumprir nossas tarefas a despeito de hora, tempo bom ou mau, ou da satisfação das nossas necessidades materiais — *é um compromisso moral.*

b. Conservem a própria personalidade em qualquer situação; não permitam que a falsa camaradagem ou uma visão distorcida dos fatos ou das coisas os conduza a decisões das quais possam se arrepender. Sejam o que sempre foram — honestos, leais, sinceros. Atenuem os rompantes da mocidade, refletindo antes de agir.

c. O compromisso que prestamos ao ingressar no oficialato não deve ser olvidado. Para um homem de caráter, os compromissos de ordem moral têm maior valência que quaisquer outros de ordem material.

5. Na hora conturbada em que estamos vivendo é preciso ter Fé! Não, somente, a fé religiosa, mas, também, a fé na missão que nos cabe como oficiais.

Dêem o exemplo de união, de cordialidade e de sã camaradagem; combatam o divisionismo com todos os meios que puderem. Um exército vale o que valem os seus Quadros, que são a sua espinha dorsal. Um exército dividido é um exército vencido.

Não suportem que um falso espírito de Arma os lance a diminuir ou depreciar o valor das demais Armas. Não existem Armas melhores, nem piores — existem Armas diferentes, com tarefas específicas, dentro da grande organização que é o Exército.

6. No exercício da função de Oficial, vocês terão duas missões de igual importância:

Instruir;

Educar.

Para a primeira, o cabedal adquirido aqui na Academia de muito lhes servirá. O estudo, a prática cotidiana, a vontade de acertar, completarão os elementos necessários ao êxito da missão.

Para a missão de Educar, quero lembrar-lhes, antes de tudo, as ferramentas principais — o Exemplo e a Fé no objetivo determinado e na tarefa a cumprir.

O homem brasileiro, pertencente à massa do interior do país, é, em geral, ignorante, humilde e de aparência pouco apreciável. Todavia, tais características são anuladas pela sua enorme capacidade de adaptação a qualquer meio, pela sua boa índole, pela sua incrível resistência à fadiga, pela sua paciente resignação ao desconforto e à falta das coisas mais

essenciais e pela sua bravura sem alardes ante o perigo ou nas situações difíceis.

Na vastíssima tarefa que cabe ao Exército, de instruir e educar a massa brasileira, sejam colaboradores — nunca espectadores!

Dêem sempre bons exemplos a seus homens. A capacidade de observação, mesmo no nosso homem analfabeto e ignorante, fruto dos seus troncos raciais negro e índio, permite-lhe imitar facilmente os atos bons ou maus e seguir, sem vacilação, aquêles que o guia.

Conquistem a confiança dos seus comandados por um tratamento justo, por uma bondade sem blandícia, pelo rigor na execução das tarefas e na observância das ordens e pela lealdade para com êles. Lealdade, sim!

Fala-se muito em lealdade de baixo para cima. A lealdade de cima para baixo é muito mais necessária e muito menos ocorrente. Ela consiste, essencialmente, em nada exigir do subordinado que não seja honesto, correto, regular, legal; bem como, consiste em dizer-lhes francamente, sem brutalidade ou subterfúgios, suas falhas, seus defeitos e, também, as suas qualidades.

O verdadeiro soldado não tem pejo de fazer aquilo que lhe é determinado ou que, em sua consciência, lhe parece certo e honesto e pode dar solução ao problema com que se defronta. Numa situação difícil, quando todos os outros recursos falharem, pode, como o General Patton, dirigir a Deus uma prece pública, solicitando-Lhe bom tempo para poder derrotar o inimigo... no que foi atendido!

Desejo a vocês toda a felicidade de que são dignos na tarefa que vão iniciar e que pensem, vez por outra, nas palavras que o companheiro mais velho, que teve a honra e o privilégio de comandá-los, acaba de dirigir-lhes com franqueza e sinceridade.

Deus os guie!

DIAFERIA & CIA

Representações de firmas estrangeiras de armas em geral, Vidros LOF Cristais, etc. Artigos para caça e pesca. Partes para Tratores de tôdas as marcas. Financiamentos de Importação.

RUA FLORENCIO DE ABREU, 157 — SALA 1003

FONE 32-4225 — Cx POSTAL 4645 — SAO PAULO

III — VITÓRIA SEM GUERRA

Mal ROBERT SAUNDBY

Levando em conta o fato de que uma conflagração mundial jamais será iniciada pelas Potências Ocidentais, ela virá — se vier algum dia — em virtude de uma decisão deliberada dos chefes comunistas que dirigem a União Soviética e a China. De um modo geral, eles têm dois métodos à sua escolha. Podem desfechar um ataque generalizado por meio de armas nucleares de grande alcance, esperando destruir de um só golpe a capacidade de retaliação do Ocidente, ou recorrer à sua grande preponderância em forças convencionais e renunciar ao uso de todas as armas nucleares, apelando ao mesmo tempo para o Ocidente, em nome da humanidade, para que ele faça o mesmo.

O segundo método é, a meu ver, o mais provável dos dois, sendo também o mais difícil de enfrentar. Ele atribuiria aos governos ocidentais a responsabilidade de uma luta nuclear em escala máxima, que poderia destruir a metade do mundo.

Na América, porém, parece haver grande ansiedade em torno do primeiro método. Isto é, provavelmente, um legado do golpe pavoroso vibrado em Pearl Harbor, sem aviso prévio, em dezembro de 1941; um desastre que causou profunda angústia a cada cidadão americano. Mas, seja porque for, existe nos Estados Unidos uma inquietação generalizada acerca da possibilidade de virem a ser desarmados por um ataque de surpresa. Muitos americanos acreditam, como diz Mister George Fielding Eliot, em sua obra "Vitória Sem Guerra, 1959-61", que o que os soviéticos desejam, "é esperar até poderem estar certos de que se acham em condições de destruir toda a nossa força de retaliação de um só golpe".

Mister Eliot encara, como axiomático, que os governantes soviéticos atacariam os Estados Unidos com armas nucleares se acreditassem que poderiam, com um só ataque de surpresa, destruir todas as bases aéreas ou de projéteis, das quais pudesse ser preparado um contra-ataque. Insiste, porém, em que os líderes soviéticos não ousam aceitar qualquer risco de retaliação nuclear contra os centros vitais da União Soviética. Nenhum fator relativo de segurança, baseado em percentagens e probabilidades, seria aceitável para eles, porque "seu poder, sua autoridade, e até suas vidas poderiam perfeitamente ser perdidas pela explosão de apenas um número moderado de armas nucleares inimigas no coração da terra soviética".

Isto é quase certo, e é nessa avaliação que repousa principalmente nossa fé no poder dissuasivo nuclear.

Entretanto, repousa também na hipótese de que não está dentro das possibilidades soviéticas destruir, de um só golpe, a totalidade de nossa capacidade de retaliação.

Mister Eliot impugna essa hipótese. Concorde em que, atualmente, quando o único ataque possível às bases americanas poderia provir de bombardeios pilotados e de grande raio de ação, haveria tempo suficiente para muitos bombardeiros, senão a maioria, decolarem. As distâncias a percorrer, a velocidade relativamente baixa dos bombardeiros quase sônicos e o alto grau de prontidão das forças ocidentais de bombardeiros estratégicos são fatores que se combinam para tornar mais improvável que os comunistas pudessem destruir, ou mesmo avariar seriamente, nossa força de retaliação.

Mas, quando os bombardeiros pilotados, russos, são substituídos por foguetes balísticos de grande alcance, providos de ogivas nucleares, haverá um período de alarma demasiado curto, e os soviéticos poderiam destruir, prática e simultaneamente, todas as bases aéreas ocidentais. Eles poderiam estar preparados para aceitar o risco, se todo o nosso poderio retaliatório estivesse em aviões pilotados, e alguns bombardeiros apenas pudessem estar armados e voando, no momento do ataque.

Porque eles saberiam exatamente quanto tempo esses aviões sobreviventes consumiriam para atingir os pontos vitais soviéticos, e poderiam concentrar todas as suas defesas contra eles. Ainda que alguns pudessem infiltrar-se e lançar suas bombas, os líderes soviéticos saberiam — e estariam habilitados a garantir a seu povo — que não haveria mais ataques, de vez que não existiriam bases aéreas norte-americanas ou aliadas para reabastecer e remunciar os aviões que pudessem regressar.

Uma vez que parece ser do consenso geral que a Rússia concentrou seus melhores esforços na produção de foguetes nucleares de grande raio de ação, e se acha consideravelmente à frente dos Estados Unidos nesse particular, Mister Eliot prevê que, por volta de 1961, os líderes soviéticos poderiam estar em condições de destruir, mediante um ataque de surpresa, todas as bases aéreas e de mísseis da OTAN nos Estados Unidos, Canadá e Europa, bem como todas as bases norte-americanas no Oriente Próximo e no Extremo Oriente.

A defesa contra tal ataque só pode ser concentrada na mobilidade e no ocultamento. As bases aéreas são imóveis, e nos países democráticos é impossível manter secreta a sua localização. São muito difíceis de ocultar, e em qualquer caso o ocultamento é ineficaz contra um projétil de grande alcance previamente regulado para atingir um ponto geográfico conhecido.

Mister Eliot acredita que a resposta a este problema deverá ser encontrada baseando-se uma parte do contra-ataque em embarcações que se desloquem à superfície do mar ou em profundidades variáveis. Os Estados Unidos possuem hoje porta-aviões capazes de lançar bombardeiros portadores de armas nucleares a 1.500 milhas de distância de seus conveses. Previu ainda que, por volta de 1959, será possível lançar projéteis atmosféricos do tipo "Snark", de velocidade supersônica, de bordo de porta-aviões, submarinos e cruzadores.

Em 1960 está disponível o projétil balístico "Polaris", da Marinha norte-americana. Esta arma, cujo alcance é de 1.500 milhas e é provida de ogiva nuclear, pode ser lançada de bordo de navios de super-

fície ou de submarinos propulsionados a energia atômica. E Mister Eliot calcula que em 1960 já haverá vários desses submarinos, e em 1961, talvez nada menos de 20.

Por isso, se os Estados Unidos se decidissem agora a dar prioridade a esse programa, seria possível possuírem, em 1961, digamos, ano em que se calcula que os russos estariam em condições de destruir tôdas as bases ocidentais aéreas e de projéteis por meio de um ataque de surpresa à base de engenhos de grande alcance, um poder retaliatório baseado no mar e habilitado a atacar os centros vitais da União Soviética.

Mister Eliot diz ainda, em seu livro, que aquelas bases flutuantes no mar, sendo móveis, seriam virtualmente imunes a um ataque de surpresa por meio de projéteis balísticos soviéticos. Por isso, uma vez que os russos não poderiam contar com a possibilidade de destruir a totalidade da força de retaliação das potências ocidentais, não ousariam arriscar-se a tentá-la. Ele acredita que mesmo que 10% do contra-ataque nuclear fôsse pelo mar, teria quase certamente um efeito de dissuasão decisivo, e que se 20% pudesse ser desdobrado em terra, os russos encarariam o risco como inteiramente proibitivo.

O autor frisa a necessidade de se tomar agora uma decisão que consistiria em dar a necessária prioridade à transferência de uma parte do poder de retaliação dos Estados Unidos para bases flutuantes, de sorte que a mesma possa estar pronta a agir no ano perigoso, 1961.

Não há como negar que esse perigo pode surgir dentro dos próximos anos, e que há a possibilidade de que os governantes soviéticos, acreditando terem uma oportunidade, que jamais se repetirá, de destruir o poderio nuclear do Mundo Livre, poderiam ser tentados a empenhar tudo por tudo num ataque de surpresa por meio de projéteis balísticos de grande alcance. Trata-se de um risco que não poderemos desprezar, e o desenvolvimento de um grau substancial de poderio retaliatório flutuante complicaria, sem dúvida, de forma grave, a tarefa dos russos, e poderia, aliás, fazê-los desistir da idéia de uma guerra em escala generalizada.

Por isso, a força nuclear embarcada reforçará o fator dissuasivo, de sorte que valeria a pena construí-lo.

Mister Eliot aduz mais um argumento em favor do poder retaliatório embarcado. Frisa ele, aliás com muita precisão, que a propaganda soviética tem-se preocupado muito em amedrontar os aliados norte-americanos com a ameaça de, em caso de guerra, pulverizar as bases aéreas e de mísseis estabelecidas em seus respectivos territórios. E a ameaça é acompanhada de uma descrição das apavorantes conseqüências de um tal ataque. Os vermelhos esperam agitar entre os homens de coração débil e os imprevidentes, bem como entre os que sentem em vez de raciocinar, uma oposição vigorosa à construção de base de mísseis da OTAN nos países europeus. Eles têm a esperança de que esses povos, combinados com os que por motivos religiosos ou pacifistas se opõem a tôdas as armas nucleares, poderão formar um poderoso núcleo de opinião contrário à organização adequada da defesa moderna do Mundo Livre.

VANTAGEM DA FÔRÇA NUCLEAR EMBARCADA

Nesta política, eles têm tido um grande êxito, e Mister Eliot receia que se possa tornar cada vez mais difícil para os Estados Unidos manter suas bases nos países aliados. Além do mais, esses países podem insistir em reter o poder de veto quanto ao uso das bases em seus territórios, e assim, num momento crítico, ser impossível fazer uso delas. Por outro lado, a capacidade nuclear com base no mar é fisicamente separada das áreas habitadas, e as tentativas visando destruí-las teriam conseqüentemente poucos ou nenhum efeito desastrosos sobre os países aliados.

Isto é verdade, e certamente adiciona algum peso aos argumentos em favor da utilização do mar como base de parte do poder dissuasivo nuclear.

Se Mister Eliot se tivesse contentado em deixar o assunto nesse pé, teria sido difícil discordar de suas conclusões. Porém, ele vai mais longe. Ao mesmo tempo que reduz à expressão mais simples as dificuldades que há em destruir simultaneamente algumas centenas de bases espalhadas sobre metade do mundo, ele procura provar que os aviões e os porta-mísseis que operam sobre a superfície do mar são virtualmente impossíveis de detectar e de afundar. Glosa o principal defeito dos navios na era dos mísseis — sua velocidade extremamente baixa e o atraso conseqüente, que bem pode ser medido em dias, em fazê-los deslocar-se para uma posição da qual possam operar com eficiência.

Ao avaliar o valor dissuasivo dos grandes navios de superfície utilizados como plataformas de lançamento de aviões ou mísseis, devemos recordar que o paradeiro desses navios, em tempo de paz, é geralmente bem conhecido. Em tempo de guerra é difícil, por vezes, manter esses navios no mar, com sua radiotelegrafia silenciosa, em posições desconhecidas dentro do raio de ação dos centros vitais dos soviéticos. Durante a última guerra, dificilmente desconhecíamos a localização dos navios de guerra alemães. Por isso, os russos poderiam estar habilitados a escolher um momento em que a maioria dos porta-aviões ou porta-mísseis, ou mesmo todos eles, estivessem desfavoravelmente colocados para empreender um contra-ataque imediato.

Mesmo que os navios-aeródromos pudessem ser mantidos, em determinado momento, em posições que os russos desconhecessem, e das quais pudessem operar eficazmente, o lançamento de um ataque por meio de aviões revelaria dentro de muito pouco sua posição aproximada. Ainda que não fossem encontrados antes, os aviões que regressassem podiam ser seguidos e os navios seriam atacados então no momento em que se tornassem imprescindíveis para o pouso de seus aparelhos. Todos os navios no mar são extremamente vulneráveis ao ataque por projéteis ar-superfície lançados de aviões, e os navios-aeródromos são particularmente inflamáveis.

UMA ESTIMATIVA TRÁGICAMENTE OTIMISTA

A despeito de uma série longa de experiências desapontadoras, os apologistas do navio-aeródromo persistem em acreditar que, contrária-

mente ao que se verificou com todos os seus antecessores, a atual geração dêsse navios é praticamente à prova de torpedos, foguetes e bombas. Mister Elliot chega a afirmar que uma arma nuclear que, por pouco deixasse de atingir o alvo, não seria necessariamente fatal, de vez que "a robustez tremenda do casco e da estrutura do porta-aviões oferece grande resistência à explosão". E afirma também que, devido à subdivisão do casco em muitos compartimentos estanques, são necessários uns 12 impactos de torpedo para afundar um navio-aeródromo moderno.

Esta afirmação faz recordar a insistência do Almirantado antes da II Guerra Mundial, no sentido de que seis impactos de torpedo nada mais fariam do que reduzir em três nós horários a velocidade dos nossos encouraçados mais recentes. Esta estimativa demonstrou ser trágicamente otimista. E disseram-nos agora, tal como no-lo disseram antes da última guerra, que dentro de pouco um maravilhoso e novo sistema secreto de armas contra avião proporcionará uma comparativa imunidade ao ataque aéreo.

Temos ouvido isto antes, muitas vezes, e ficou demonstrado que a assertiva era errada. É impossível acreditar nela. O porta-aviões poderia escapar à observação por tempo suficiente para colocar-se em posição e desfechar seu contra-ataque, atualmente por meio de aviões, porém mais tarde, reforçado por mísseis balísticos de alcance médio. E poderia permanecer em posição por tempo suficiente para desfechar vários ataques. Mas, quando encontrado e atacado, é vulnerável, e seria tolice contar com a sua sobrevivência.

Entretanto, não há necessidade de provar que o porta-aviões é insubmergível, a fim de criar um caso. A incerteza de poder encontrá-lo e atacá-lo antes que êle possa desfechar um contra-ataque já concorreria em si para habilitá-lo a emprestar uma contribuição substancial à dissuasão.

A fase seguinte no desenvolvimento, porta-aviões impulsionados pela energia nuclear e especialmente submarinos capazes de disparar armas balísticas de alcance médio providas de ogivas nucleares, promete proporcionar o dissuasivo com um verdadeiro aumento de poder. O navio de superfície nuclear equipado para lançar os mísseis "Polaris" ou seus sucessores teria vantagens consideráveis sobre o porta-aviões, tal como o conhecemos hoje. Esse navio teria muito mais qualidades para se manter no mar, estaria isento da necessidade de ser reabastecido com frequência e, por isso, o seu paradeiro seria mais fácil de ocultar. Logo que êle tivesse lançado seus mísseis, poderia bater em retirada, em grande velocidade, e não seria possível localizá-lo mediante o acompanhamento dos aviões que regressassem. Seria menos inflamável, uma vez que não teria de transportar grandes quantidades de combustível para suas máquinas e aviões.

A principal desvantagem do porta-aviões, porém, persistiria, pois é improvável que os navios atômicos apresentassem qualquer aumento de velocidade notável, embora pudessem manter toda a sua velocidade de projeto sem uma perda de resistência correspondente. Não obstante,

ainda que essa velocidade pudesse ser elevada a 40 nós, um porta-aviões teria de consumir 24 horas para percorrer 1.000 milhas, ao passo que um bombardeiro quase sônico ou um míssil a foguete não gastaria mais de 1 ½ hora.

O SUBMARINO SOB O CONTRÔLE DA FÔRÇA AÉREA

Parece provável, porém, que, quando o míssil a foguete substituir o bombardeiro pilotado como método principal de desfechar um contra-ataque, o submarino atômico substituirá o navio de superfície como base móvel. O submarino do futuro, armado de mísseis a foguete de raio de ação médio que possam ser lançados enquanto está submerso, estarão habilitados a explorar até um grau excepcional seus princípios defensivos de mobilidade e ocultamento. É verdade que sua mobilidade será limitada em tempo por sua velocidade relativamente baixa, mas quase todos os mares e oceanos do mundo estarão abertos para ele. Sua capacidade de ocultamento será muito grande, mesmo se se levar em conta os prováveis progressos do radar e de outros métodos de detecção de embarcações submarinas. Ele transportará combustível suficiente para permitir-lhe cruzar os mares durante um ano ou mais, e não seria difícil, quando se dispusesse de um número suficiente desses submarinos, garantir que certo número deles se encontrasse sempre no mar, dentro de alcance adequado para atacar os objetivos previstos.

Até que tenha sido aperfeiçoado o antimíssil, não será possível qualquer defesa efetiva contra esta forma de contra-ataque nuclear, e seu valor como dissuasivo será grande.

Resta apenas frisar que este desenvolvimento nada tem a ver com o exercício do poder naval, cujo objetivo é — e Mister Eliot concordou — “controlar o mar como meio de transporte, utilizá-lo livremente para seus próprios fins e negá-lo ao inimigo”. A utilização dos submarinos atômicos como bases de lançamento de mísseis a foguete, visando certos vitais do inimigo, constitui uma extensão de nosso sistema de base para a contra-ofensiva nuclear de terra para os mares e oceanos do mundo. Assim fazendo, podemos aumentar sua eficácia e reduzir sua vulnerabilidade, reforçando dessa forma seu valor dissuasivo. Mas o arsenal todo de mísseis balísticos nucleares baseado em terra ou no mar deve ser controlado e dirigido de um órgão central, o que significa na prática que o sistema de armas nuclear baseado no mar deve estar sob o controle operacional da Fôrça Aérea, a qual será responsável pela condução da contra-ofensiva nuclear.

Mister Eliot escreveu um livro vigoroso, convincente, baseado em argumentação forte e persuasiva, que teria sido mais efetivo se não tivesse exagerado o valor da capacidade nuclear baseada no mar. E esse livro teria certamente uma influência considerável sobre a opinião pública norte-americana e dos países integrantes da OTAN. Mas terá um interesse especial para as potências que aspiram a contribuir para um dissuasivo nuclear e possuem tradição naval.